

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Tayene Caroline Dias Cardoso

MUROS: UM BREVE ESTUDO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Fagner Firmo de Souza Santos

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Tayene Caroline Dias Cardoso**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473066A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Muros: um breve estudo**, desenvolvido durante o período de março de 2017 a julho de 2017 sob a orientação de Fagner Firmo de Souza Santos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____

Tayene Caroline Dias Cardoso

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

MUROS: UM BREVE ESTUDO

Tayene Caroline Dias Cardoso¹

Resumo

A paisagem urbana se modifica constantemente, a evolução tecnológica cria novas formas de morar, de viver e de construir. O aumento da violência que se tem observado gera uma sensação de insegurança em muitas pessoas que tentam combatê-las construindo muros cada vez mais altos (em casa, nas fronteiras, em si mesmo). Concretos ou imaginários, o fato é que os muros são uma realidade cada vez mais evidente no cotidiano, basta dar uma volta no quarteirão para que isso se torne ainda mais claro e isso acontece mesmo em cidades ou bairros que antes eram tidos como menos murados. O presente trabalho tem por objetivo fazer uma breve discussão sobre as construções dos muros e para tanto usará como fontes reportagens de jornais, artigos e livros.

Palavras-chave: Muro, Segregação espacial, Teicopolíticas, Ocupação urbana

INTRODUÇÃO

Falar da construção dos muros e não falar sobre a ocupação urbana e a urbanização é uma tarefa um tanto quanto difícil – para não dizer quase impossível. O direito à cidade e à urbanização tem sido pauta de diversos autores² como, por exemplo, o geógrafo David Harvey, que vê o direito à cidade principalmente como o direito a modificá-la e, por consequência, modificar a si mesmo. Para o autor, a grande causa das crises financeiras no capitalismo é, em boa medida, causada pelo que ele chamou, em palestra proferida em 2009, no Fórum Nacional de Reforma Urbana, de “propriedade urbana”. De acordo com Harvey (2009), a urbanização é uma das grandes responsáveis por fazer uso do capital excedente. Nesse sentido, diversos empreendimentos imobiliários e modificações no espaço urbano são realizados — vide, por exemplo, a reconstrução de Paris, com a construção dos *boulevards* por Haussmann em decorrência da crise de 1848.

Se antes vivíamos em comunhão, morando em tribos e comunidades, hoje, com a modernização, temos as pessoas cada vez mais individualistas e os imóveis passaram a refletir isso. A construção de muros não são mais para proteção de guerra, eles agora dividem espaços, classes e tipos de pessoas.

Os muros podem ser lidos de maneiras diversas, ora como um direito, ora como um ataque, podendo ser um divisor ou um protetor. O Muro de Berlim, por exemplo, que dividia a Alemanha socialista da capitalista, talvez seja o exemplo mais emblemático de tal característica. Donald Trump, atual presidente dos EUA, declarou, em campanha e mantém a posição depois de eleito, a intenção de construir muros dividindo as fronteiras entre México e EUA, o que separaria os mexicanos dos estadunidenses, aumentando ainda mais a xenofobia e a rivalidade existente entre essas duas nacionalidades, entre esses dois povos.

No Brasil, durante o processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff, o país se viu dividido. Tal divisão tornou-se física no último dia de votação da ação. Na Esplanada dos Ministérios, foi erguido um muro provisório, que dividia os apoiadores dos contrários ao processo. Construído com a alegação de que estaria ali para fornecer segurança aos manifestantes, a estrutura virou um dos assuntos mais comentados nas redes sociais. O muro terminou suas horas com mensagens de ambos os lados.

Na antiga URSS, as casas e apartamentos eram feitos de forma a privilegiar a interação entre as pessoas: todos deveriam ter onde morar e caso alguém não tivesse, a casa de um estranho poderia ser dividida para aquela família também. Nos dias de hoje, quando é cada vez mais difícil encontrar casas para morar, uma vez que a maioria das moradias são em apartamentos, os preços dos imóveis estão sempre subindo e o número de condomínios tem aumentado continuamente. Com o desejo de estarem cada vez mais afastados do caos que, muitas vezes, é o centro da cidade, esses conjuntos de moradias estão ocupando os espaços mais distantes. Tais lugares antes eram ocupados pela população de mais baixa renda, que acabam vendendo seus terrenos — na maioria das vezes por um dinheiro insuficiente — para as grandes construtoras. São elas que constroem casas nos padrões que poucos conseguirão adquirir e manter. Os condomínios vendem, além de

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: tayenedias.uff@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Fagner Firmo de Souza Santos.

² Henri Lefvbre é outro nome de suma importância para a discussão, entretanto dado ao curto tempo não conseguiremos debate-lo aqui.

conforto, segurança. Os muros e cercas são cada vez mais altos e é vedada a presença de qualquer estranho nas dependências.

Os muros podem ser vistos também como uma tela em branco, onde arte urbana e marginal se expressa, seja por meio do grafite, seja por meio da pichação. Pelo artigo 65 da Lei nº 9.605 de 1998, a pichação é crime, mas, em 2011, o grafite foi descriminalizado (Lei nº 12.408), uma vez que esse seria benéfico ao local. Recentemente, esse tema voltou à tona com a eleição do prefeito de São Paulo, João Dória, que implementou o projeto Cidade Limpa — ironicamente, chamado de Cidade Cinza, nas redes sociais — buscando limpar os grafites e pichações em prol de uma cidade mais higienizada.

O movimento muralista, por exemplo, que teve origem no México no século XX, é um grande exemplo de expressão dessa arte urbana. Tendo em vista que o objetivo do muralismo era político, proporcionando a aproximação da população com a arte, o muro torna-se um instrumento de luta. Os lambe-lambes, o estêncil, os cartazes que se encontram espalhados em muros e tapumes reiteram essa ideia de ter o muro como portador de uma voz que quer ser ouvida³.

Peter Marcuse (2004) discute a ordem supostamente caótica das cidades e o papel que os muros desenvolvem em bairros parecendo isola-los, quando, na verdade, eles também estão em relação de dependência. De acordo com o autor, os muros não exercem o mesmo papel em todos os bairros, em todos os lugares e, embora eles estejam separados, estão inseridos na mesma ordem “son mutuamente dependentes”. A ocupação do espaço reflete a posição que o indivíduo ocupa dentro de uma relação hierárquica. As formas de ocupar a *urbe*, embora tenha mudado com o passar dos anos, ainda privilegia aqueles que têm mais poder aquisitivo de morar em lugares com melhores locações e, principalmente, melhor qualidade de vida. Se antes era a indústria que trazia a cidade para próximo de si, hoje é a cidade que “afasta” a indústria para bairros específicos evitando, assim, poluição visual e sonora e privilegiando um respirar mais limpo.

As cidades podem ser vistas hierarquicamente em cinco posições: *una ciudad dominante, una ciudad gentrificada, una ciudad suburbana, una ciudad de barrios de viviendas, e una ciudad abandonada*. A cidade dominante é onde estão construídos os edifícios isolados e é ocupado pela elite. A cidade gentrificada é onde se encontra os grupos de profissionais, diretores, em sua maioria jovens e sem filho. A cidade suburbana é ocupada por profissionais qualificados de nível médio e superiores. A “*ciudad de barrios de viviendas*” é onde estão os artesãos, as mãos de obras baratas. Por último, a cidade abandonada é como o nome sugere: a cidade deixada para os pobres, os desempregados e aqueles que não têm para onde ir. (MARCUSE, 1994, tradução 2004).

As fronteiras e as teicopolíticas

Uma das tendências que se pensava com a globalização era a diminuição e o possível desaparecimento das fronteiras, mas não é isso que vem acontecendo. Embora, em âmbito comercial, as fronteiras possam ter diminuído, as teicopolíticas, ou seja, aquelas “políticas fundadas na construção de muros” (ROSIÈRE, 2015) têm aumentado. Estima-se que 75% dessas barreiras fronteiriças tenham sido construídas depois do ano de 2000 (HASSNER; WITTENBERG, 2009 *apud* ROSIÈRE, 2015). Um estudo de Stéphane Rosière e Reece Jones (2011) mostra que

A extensão das fronteiras “fechadas” em aproximadamente 37.875 km (dos quais 5.267 são linhas de frente e 32.608 km são cercas e barreiras efetivamente construídas ou previstas). Essa estimativa incluía o conjunto dos projetos e dos segmentos não construídos — por exemplo, o entorno do espaço Schengen (7.182 km) — enquanto sistema coerente de fechamento. (*apud* ROSIÈRE, 2015, p. 373.).

As chamadas teicopolíticas configuram-se não só como uma forma de barrar a entrada de pessoas em um determinado país, elas vão além: elas controlam quem entra e quem são os indivíduos que serão bem-recebidos — não raro, esses indivíduos são aqueles com maior poder aquisitivo.

Para além das políticas pautadas nas construções de muros visíveis (muros de concreto, placas, cercas), as barreiras se erguem de modo quase invisível. Câmeras, detectores de calor, sensores e impedimentos administrativos dos mais diversos — como é caso da concessão de vistos (permanência,

³ Não vamos abordar o muro como objeto da fotografia experimental do início do século XX para tanto ler Carolina Martins Etcheverry em artigo apresentado para o X Encontro Estadual de História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

estudante, trabalho etc) — atuam no sentido de criar ainda outras barreiras, uma vez dentro dos países. (ROSIÈRE, 2015)

Algumas barreiras da atualidade: exemplos de teicopolíticas

Uma boa parte dos grandes muros (ou cercas) construídos hoje são teicopolíticas, principalmente, porque estamos vivendo em meio a uma grande crise migratória — especialmente na União Europeia, que, não por acaso, criou em 2004 a Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira (FRONTEX), responsável por dar auxílio aos países que têm fronteiras externas. Aqui abordaremos rapidamente três muros e o Muro de Berlim — ainda muito significativo, quando o assunto é barreiras.

Cerca de Ceuta e Mellila:

Ceuta e Mellila ficam na fronteira da Espanha com Marrocos e é o único ponto de contato terrestre que a União Europeia tem com o país. Nos anos de 1990, quando a imigração ilegal já era crescente, Espanha e Marrocos e começaram erguer a cerca de Ceuta e Melilla sob a justificativa de controlar as circulações ilegais (de armas, mercadorias em geral, drogas etc.). A União Europeia, que estava preocupada com a área de Schengen (a área de livre circulação de pessoas), ajudou a Espanha a fortificar ainda mais a fronteiras (junto com a criação da FRONTEX). Em Ceuta, encontra-se uma cerca dupla, com quase oito quilômetros de extensão, que conta ainda com mais de trezentos agentes da polícia, além dos oficiais da Guarda Civil espanhola. Do outro lado, em Melilla, essa cerca tem mais de dez quilômetros de extensão e uma altura que oscila entre três e seis metros. Em ambas as fronteiras, temos lâminas e arame farpado na parte superior. Além disso, toda a costa do Mediterrâneo é fortificada com câmeras, sensores de movimento, calor e escuta.

Muro de Israel e Palestina/ Muro do Apartheid:

O muro que separa a Cisjordânia e Israel, conhecido também como Muro do Apartheid, começou a ser construído em 2002 e tem um projeto de setecentos quilômetros de extensão, com algumas partes medindo mais de dez metros de altura, com cercas e postos militares. Foi erguido dois anos depois da Segunda Intifada (a revolta dos palestinos contra a política e ocupação israelense) sob a justificativa de barrar a violência da Cisjordânia. Entretanto, em 2004, o Tribunal Internacional de Justiça de Haia (o mais importante órgão judicial da ONU) considerou ilegal tal construção e obrigou Israel a destruir o muro e restaurar todos os danos causados pela edificação, pois considera que ela fere os direitos humanos, uma vez que separa os agricultores de suas terras, as pessoas de suas famílias e ultrapassa o limite da Linha Verde (linha da fronteira), tomando parte do território da Cisjordânia. Por sua vez, Israel continua com a construção.

Muro de Berlim:

Apesar de já ter caído, o Muro de Berlim talvez seja o mais marcante monumento no que se refere às políticas de contenção e regulação de migração.

Na madrugada do dia 13 de agosto de 1961, começava a ser erguido em Berlim, na Alemanha, o maior símbolo do que ficou conhecido como Guerra Fria. Medindo 155 km, tendo alguns pontos com mais de 4 metros de altura, interrompendo diversas linhas de trem, metrô, cortando ruas e avenidas, o Muro de Berlim separava a Berlim Oeste (socialista) da Berlim Leste (capitalista). Além da divisão que acontecia dentro da cidade, a Alemanha como um todo estava dividido entre República Federal da Alemanha (RFA, de regime capitalista) e a República Democrática Alemã (RDA, de regime comunista). O muro foi construído em uma tentativa de barrar o grande número de pessoas que migravam da Berlim Oeste — fala-se em até duas mil pessoas por dia — levando a uma diminuição muito grande da força de trabalho. E, embora tenha havido milhares de tentativas, causando a morte e a prisão de diversos alemães, o muro funcionou com uma prisão que ia ficando cada vez mais fortificado, ganhando cercas eletrificadas, 300 torres de vigia, um corredor com autorização para atirar — a faixa da morte —, cães ferozes entre outros métodos de vigia.

As crises nos sistemas socialistas que afetavam diretamente o lado leste da cidade levaram à sua queda em nove de novembro de 1989. No dia em que o muro seria derrubado, a população foi para a rua e ajudou a destruir os pedaços da construção e celebrar a redemocratização da Berlim oriental. Hoje, algumas partes do muro podem ser encontradas espalhadas em diversos locais para que a história nunca seja esquecida. Essa queda marcou o fim da Guerra Fria e o início da reunificação da Alemanha.

Muro dos Estados Unidos e México:

México e Estados Unidos, junto com o Canadá, integram o NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), um bloco econômico de livre comércio, mas, paralelamente, a fiscalização nas fronteiras é extremamente rígida e elas são cada vez mais fortificadas.

Dos muros que ainda estão de pé, talvez o da fronteira entre esses dois países seja o mais famoso, especialmente depois da última eleição nos Estados Unidos. O muro começou a ser construído em 1994, pelo governo de Bill Clinton, durante o programa Operation Gatekeeper (ou Operação Guardião, em português) e tinha como objetivo a contenção do narcotráfico, mas principalmente a contenção da imigração ilegal, sobretudo de mexicanos que tentavam cruzar a fronteira em busca de condições melhores de vida. Hoje a barreira conta com uma extensão de mais de 1000 quilômetros, compostos por placas de metal, ferro e guardas que fazem a vigia da fronteira. Algumas áreas contam ainda com câmeras de vigilância e sensores térmicos. Conforme a liberdade comercial entre os dois países crescia, a liberdade do trânsito de pessoas diminuía. Mais do que uma barreira física, o muro dos Estados Unidos, é uma barreira ideológica, separando um país desenvolvido de uma economia subdesenvolvida.

Poderíamos abordar ainda a construção de outros tantos muros do passado — como a Muralha da China, a Muralha de Adriano— e outros que estão em via de construção e/ou reforço, especialmente na Europa diante da crise migratória — como o muro de Calais, na França e o reforço da fronteira da Hungria. A escolha dos quatro muros que aqui abordamos foi feita especialmente pela sua projeção na mídia e no imaginário social.

O caso de São Paulo

A cidade de São Paulo, dada a sua importância histórica, política, econômica, e a sua dimensão territorial, é palco de diversos processos sociais que reverberam por todas as partes do país, tornando-se importante objeto de estudo, principalmente no que se diz respeito ao processo de urbanização.

Teresa Pires do Rio Caldeira em seu livro “Cidade de Muros” (2000) faz uma análise de como o discurso do medo da violência contribuiu para a modificação da paisagem urbana em São Paulo e como se deu o aumento do que ela denominou “enclaves fortificados”, ou seja, a criação de muros para proteção, que têm o principal efeito de segregação das classes mais populares, transformando assim o uso do espaço público. Caldeira analisa também a privatização da segurança e das ruas, como acontece em bairros considerados nobres de São Paulo. Para a autora: “O novo padrão de segregação urbana baseado na criação de enclaves fortificados representa o lado complementar da privatização da segurança e transformação das concepções do público.” (CALDEIRA, 2000, p. 11).

A foto de Tuca Andrade, que ficou conhecida como “a foto da favela de Paraisópolis”, tirada há mais de 10 anos para o jornal Folha de São Paulo, mostrando, de um lado, um edifício no Morumbi com piscinas, jardins e quadra de tênis, de outro, a favela de Paraisópolis, a segunda maior de São Paulo com uma população de cerca de 100.000 habitantes, tornou-se um símbolo das diferenças sociais presentes no nosso país. Enquanto o Morumbi é uma das áreas mais arborizadas de São Paulo, Paraisópolis tem boa parte da população sem rede de saneamento básico. Não por acaso, grande parte da força de trabalho necessária para a manutenção do luxo no Morumbi vem dos moradores de Paraisópolis, principalmente as empregadas domésticas (CALDEIRA, 2000).

Como um bairro não central, o Morumbi, junto com a Vila Andrade, representa a mudança que a classe média e alta proporcionou para a cidade. Sabe-se que ambos os bairros tinham um código de zoneamento mais livre, permitindo construções para moradia e escritórios e um coeficiente de aproveitamento mais amplo do que o que era em outras partes da cidade. Esse grande investimento em uma área antes habitada por pessoas pobres trouxe um tipo de ocupação que, ao mesmo tempo em que misturava as classes, afastava os moradores mais humildes com seus muros, cercas e seguranças particulares. Tal forma de ocupação se repetiu em diversos outros bairros.

Segundo Caldeira (2000), São Paulo passou por três estágios de segregação: o primeiro segregava por tipos de moradia — mansões e casas próprias para a classe média alta, e casas alugadas e cortiços para a classe média baixa —, uma vez que todas as classes viviam no mesmo espaço urbano, pois a população, com o advento da grande industrialização de São Paulo, crescia, mas o espaço urbano não cresceu na mesma proporção. Esse período foi do final do século XIX até os anos de 1940. O segundo estágio foi até os anos de 1980 e produziu um afastamento das classes: as classes médias e altas se mantiveram nos centros desenvolvidos e as classes baixas foram empurradas para as periferias. A terceiro e último começou a partir dos anos 80 e modificou completamente a região metropolitana de São Paulo. Foi nessa época que os enclaves fortificados começaram a ser construídos, separando as pessoas não mais por localização, uma vez que muitos

condomínios foram construídos em bairros afastados e ao lado de favelas. A forma de segregação aconteceu por meio de guardas privados, câmeras de segurança e, principalmente, grandes muros e grades cuidavam para que pessoas indesejadas (principalmente os pobres) fossem mantidas longe. E isso se refletia também no espaço público, uma vez que o ideal da modernidade de um espaço público onde pessoas diferentes pudessem coexistir estava posto em xeque. As pessoas estavam cada vez mais querendo viver entre os seus e separar aqueles que eram tidos como diferentes.

A aquisição de um imóvel tinha se tornado crucial para todas as classes sociais. Nesse sentido, nos bairros afastados, os terrenos eram vendidos a preços baixos e as casas poderiam ser autoconstruídas (embora muitas das vezes tudo acontecesse por meio do mercado informal). Desse modo, foi de suma importância o desenvolvimento dos meios de transporte, que ao mesmo tempo em que permitia o afastamento dos pobres dos centros da cidade, os trazia de volta para que continuassem sendo força de trabalho nas indústrias e na construção civil. Não por acaso, o desenvolvimento especialmente de ônibus como meio de transporte coletivo foi feito por empresas privadas que também eram especuladores imobiliários (Caldeira, 2000).

A partir dos anos de 1970, houve um grande aumento da construção de prédios de apartamentos, graças ao financiamento de órgãos como o BNH (Banco Nacional de Habitação) e SFH (Sistema Financeiro de Habitação). Esses financiamentos foram destinados, principalmente, para as classes médias e altas, uma vez que a série de exigências a serem cumpridas se tornava cada vez mais difíceis ao trabalhador. Embora, em um primeiro momento, essas duas classes não gostassem da ideia de morar em prédios de apartamento, por associar a cortiços, as facilidades oferecidas se tornaram um grande atrativo. Com o crescimento do número de prédios, entre outras regras, foi necessário regulamentações do tipo de uso, como a do coeficiente de aproveitamento (ou seja, a quantidade de metros quadrados que podem ser construídos em determinados terrenos). Por conta disso, essas construções foram se afastando dos centros pelo fato de a legislação permitir “que os prédios excedessem os coeficientes de aproveitamento em algumas áreas se diminuíssem a taxa de ocupação e criassem áreas verdes e equipamentos para uso coletivo”. Assim, foram construídos os primeiros grandes condomínios fechados ao estilo “quase-clubes” (CALDEIRA, p, 227, 2000).

Dos anos 80 até os anos 90, ocorreu uma diminuição no crescimento da população de São Paulo, ao mesmo tempo em que houve uma desconcentração populacional. Embora ainda se verificasse uma concentração de riqueza principalmente no centro, as classes médias e altas emigraram para os bairros mais afastados e antes considerados de baixa renda, tendo como principal tipo de moradia os enclaves fortificados. Junto a isso, algumas das reivindicações dos grupos sociais foram atendidas e os bairros foram urbanizados e legalizados. Isso fez com que os terrenos e a autoconstrução, que antes eram uma opção para os trabalhadores de baixa renda, tivessem uma supervalorização obrigando os moradores a desistirem da casa própria para viver mais uma vez de aluguel.

No período em que o Brasil passou pela ditadura militar, boa parte da elite acreditava estar segura. Nesse sentido, no momento em que os movimentos sociais, pouco antes do processo de redemocratização, começaram a se organizar e reivindicar seus direitos — principalmente o direito à cidade — as classes médias e altas se sentiram ameaçadas e começaram a levantar muros cada vez mais altos. Logo “quando o sistema político se abriu, as ruas foram fechadas e o medo do crime se tornou a fala da cidade” (CALDEIRA, p. 314, 2000) e oferecer segurança acabou se tornando o carro-chefe dos condomínios.

Os muros e grades combinados à segurança privada (muitas vezes despreparada) parecia ser o essencial para que os moradores se mantivessem afastados da criminalidade que aumentava na cidade. No entanto, não foi isso que aconteceu. Raquel Rolnik (2012) escreveu em seu *blog* um artigo intitulado “Quanto mais altos os muros e grades, mais proteção, certo? Errado!”. Nele, a autora mostra como a lógica da ocultação, pautada no fato de que “ocultando o máximo possível o que se passa intramuros, evita-se a invasão e o roubo.” (Rolnik, 2012), não foi muito útil aos moradores de São Paulo, uma vez que, só naquele ano, 20 condomínios já haviam sido assaltados. Além disso, de acordo com a Delegacia de Investigação de Crimes Patrimoniais, a cada mês são registrados, em média, dois arrastões em condomínios de luxo em São Paulo.

No ano de 2014, a revista Exame publicou uma notícia sobre o acréscimo de 12% na taxa de condomínios de luxo administrado por uma determinada empresa. Tal valor seria repassado aos funcionários na forma de adicional de periculosidade. De acordo com levantamento feito pela Globo News, de 2015 para 2016 houve um aumento de 172% no número de ocorrências de roubos e furtos a condomínios na capital paulista. No Rio de Janeiro, apesar de não serem contabilizados em categorias diferentes roubos e furtos a condomínios de roubos e furtos de residência, nota-se um aumento expressivo, como mostra a reportagem da mesma emissora.

O legado das Olimpíadas de 2016

O Brasil ter sido sede da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016 foi motivo ao mesmo tempo de crítica e orgulho para o brasileiro. Fato que gerou controvérsias quanto à realização das obras e os impactos que esses megaeventos deixariam para o futuro do país. No entanto, para a Vila Autódromo e o Conjunto de Favela da Maré, ambas no Rio de Janeiro, os impactos começaram muito antes do primeiro apito dos jogos. Uma parte da Vila Autódromo ficava situada onde seria construída a vila olímpica e por isso eles teriam que sair de lá. “A cidade esconde o processo” era a frase escrita no muro branco que foi levantado para separar a Vila Autódromo da vila Olímpica, de forma que o que se via da construção eram os grandes prédios sendo erguidos, enquanto na Vila Autódromo os moradores eram expulsos de suas casas, deixando mensagens de resistência pelas paredes por onde passavam. Também esse foi o título do artigo publicado (em espanhol) em 2016 na revista Íconos por Cláudia Villegas, Khalil Esteban e Beatriz Nussbaumer, que, além de diversas fotos do local, mostra que a prefeitura do Rio de Janeiro desde 1992 procurava um jeito de despejar os moradores, dando diversas justificativas, que iam desde o aumento das vias até a proteção ao meio ambiente. Sabemos que, partir de 2007, com a eleição do Brasil como sede desses megaeventos, esse projeto de expulsão ganha um novo gás. Assim, em 2014 começa o violento processo de expulsão. Vinte famílias resistiram até o fim e o fato virou tema do curta-metragem “Vazio do Lado de Fora” selecionado para o Festival de Cannes 2017.

O Conjunto de Favelas da Maré fica à margem da Linha Vermelha (principal via de acesso para o aeroporto) e por isso ganhou um muro de acrílico instalado em 2010 e que nas proximidades do início dos jogos recebeu adesivos que, em grande parte, tampavam a vista de ambos os lados. A justificativa para a instalação do muro era a poluição sonora que causaria à comunidade. De outra parte, questionariam alguns moradores: “mas desde quando a prefeitura se preocupa em proteger os ouvidos de gente pobre?” (MEYER; SOUZA, 2016). Os interesses por trás desse feito eram mais escusos “a grande maioria deles (73% [dos moradores]) acreditava que o propósito talvez fosse menos nobre, ou seja, esconder a favela dos olhos dos visitantes em tempos de preparação da cidade para os megaeventos” (REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ, 2011 *apud* MEYER; SOUZA, 2016). Quanto a essa afirmação o secretário de Turismo declarou ao G1 no dia 13/07/2016 que “não existe isso, até por ser impossível esconder algo tão grande, ainda mais no Rio, que tem tantas favelas. Tanto que em alguns pontos não há adesivos e as favelas podem ser vistas”. Disse ainda que a única intenção ao colocar os adesivos nos muros eram cuidar da beleza da cidade, enfeitando-a para o recebimento dos jogos.

CONCLUSÃO

Durante muito tempo diante do cenário da globalização, acreditava-se que as fronteiras aos poucos iriam diminuindo até que, por fim, desaparecessem por completo. No entanto, podemos perceber que não é isso que tem acontecido. Especialmente diante da crise migratória que faz com que milhares de pessoas arrisquem suas vidas e a vida dos seus para fugir de um país em guerra, em busca de um futuro melhor, ou simplesmente de um futuro. Notamos que os muros aumentam. Se não são construídos de concreto, são construídos de tecnologias, de homens, ou de um sistema burocrático, que faz com que as pessoas estejam em outro lugar, mas sem conseguir usufruir de uma vida legal.

Nas cidades — especialmente nas cidades maiores — os muros se tomaram parte da paisagem urbana, alguns de concreto puro, outros ganham alguns ornamentos, outros preferem uma cerca viva, mas todos têm a mesma função: proteger e afastar. Os moradores dos enclaves fortificados acreditam que ali podem ser livres, ali conseguirão ficar tranquilos, longe de toda violência que acontece nas cidades, mas o aumento do índice de violência diz exatamente o contrário. Os muros segregam e escondem, como se pensasse por si, sabe quem afastar e também sabem quem esconder. Servem aos interesses urbanos e de segurança, mas quando se trata do comércio, os muros se deixam permeiar.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Leo; PRADO, Gabriel. **Roubos e furtos a condomínios crescem 172% em São Paulo, aponta levantamento**. G1 São Paulo. 05/04/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/roubos-e-furtos-a-residencias-crescem-172-em-sao-paulo-aponta-levantamento.ghtml>> Acesso em: 20 de jun. de 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.605** de 12 de fevereiro de 1998. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9605.htm Acesso em: 02 de jul. 2017.

_____. **Lei nº 12.408** de 25 de maio de 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112408.htm Acesso em: 02 de jul. de 2017.

CALDERA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo. Editora 34 Ltda. I Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2000

CUNHA, Gabriel. **A Arquitetura Russa nos Primeiros Anos de Revolução: o construtivismo e a noção de “condensador social”**. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt6/sessao1/Gabriel_Cunha.pdf Acesso em: 20 de jun. de 2017.

CASTRO, Nilo André Piana de. **O cinema: da construção à queda do muro de Berlim. Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 46. p. 103-124, jul./dez. 2009. Disponível em <http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/view/27> Acesso em: 25 de jun. de 2017.

DN. **O Muro de Israel que Trump usa como exemplo**. DN Mundo. 30/01/2017. Disponível em: <http://www.dn.pt/mundo/interior/o-muro-de-israel-que-trumpusa-como-exemplo-5637578.htm> Acesso em : 29 de jun. de 2017.

FERREIRA, Alessandro. **Muro que separa Linha Vermelha de favela ganha painéis da Olimpíada**. G1 Rio de Janeiro. 13/07/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/07/muro-que-separa-linha-vermelha-de-favela-ganha-paineis-da-olimpiada.htm> Acesso em : 21 de jun. de 2017.

_____. **Viência eleva em 12% taxa de condomínios nobres de SP**. Exame. 30/06/2014. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/videncia-eleva-em-12-taxa-de-condominios-nobres-de-sp> Acesso: 20 de jun. de 2017.

FIGUEIREDO, Patrick. **Muros do Mediterrâneo: Notas sobre a construção de barreiras nas fronteiras de Ceuta e Melilla**. Cadernos de Estudos Africanos [online]. Jul/Dez 2011, n.22, pp.153-175. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/cea/n22/n22a08.pdf> Acesso em: 20 de jun. de 2017.

HARVEY, David. **A Liberdade da cidade**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 26, pp. 09 - 17, 2009 Disponível em: <http://www.geografia.ufflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp26/09-18-HARVEY,David.pdf> Acesso em 27 de jul. de 2017.

_____. **Lutas pela reforma urbana**. In: FÓRUM NACIONAL DE REFORMA URBANA. Palestra. Trad. Fernando Alves Gomes. Disponível em: <http://www.zorraquino.com.br/textos/referenciais/leia-a-palestra-de-david-harvey-sobre-o-direito-a-cidade.pdf> Acesso em: 29 de jun. de 2017

MARCUSE, Peter. No caos, sino muros: el postmodernismo y la ciudad compartimentada. In: RAMOS, Ángel Martín (Org.) **Lo urbano em 20 autores contemporâneos**. Barcelona, 2004

MEDRADO, Andrea Meyer; SOUZA; Renata da Silva. As transformações do Rio pré-olímpico: ecos nas paisagens sonoras da favela da Maré. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación. v 130. Sección Monográfico, pp. 71-86 Dez 2015/ Mar 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5792107> Acesso em: 29 de jun. de 2017.

OLIVEIRA, Eudes Quintino de. **PICHAÇÃO É CRIME. GRAFITAGEM É ARTE**. Disponível em: <https://eudesquintino.jusbrasil.com.br/artigos/133226868/pichacao-e-crime-grafitagem-e-arte> Acesso em: 02 de jul. de 2017.

ROLNIK, Raquel. **Um mundo cada vez mais murado**. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2015/10/08/um-mundo-cada-vez-mais-murado/>. Acesso em: 15 de jun. de 2017.

_____. **Quanto mais altos os muros e grades, mais proteção, certo? Errado!** Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2012/08/16/quanto-mais-altos-os-muros-e-grades-mais-protecao-certo-errado/>> Acesso em: 15 de jun. de 2017.

ROSIÈRE, Stéphane. **Mundialização e Teicopolíticas: análise do fechamento contemporâneo das fronteiras internacionais.** Boletim Gaúcho de Geografia. v 42. p.369-388. Maio, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/56327/34027>> Acesso 18 de maio de 2017.

SILVA, Paulo Muniz da. **Muro de todos e cada um: uma murologia.** Tese (Doutorado em Letras). Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014.

UnBTV. **O muro:** processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Maio. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9jxk4y7BfFg&t=3s&list=PL-o_08SNIIf2ICnClxiPELk7Yo7pEn8nsh&index=1> Acesso em: 02 de jul. de 2017

VILLEGAS, Claudia; ESTEBAN, Khalil; NUSSBAUMER, Beatriz. **La ciudad esconde el proceso. La protesta popular en Vila Autódromo, Río de Janeiro.** CONOS, v 56, p 159-176. 2016. Disponível em: <<http://revistas.flacsoandes.edu.ec/iconos/article/view/2381>> Acesso em: 28 de jun. de 2017.